



SIDET

I Simpósio Internacional de Direito, Educação e Tecnologia

Online

Inteligência Artificial:

Aspectos, interlocuções e conexões nas áreas de
Direito, Educação e Tecnologia

31/10 a 01/11
2024

A SUBJETIVIDADE E A PERSPECTIVA PESSOAL DO CHATGPT SOBRE SUA CRIAÇÃO

Thays de Fátima Lechiw¹

Elizangela Mattozo²

Leoni Malinoski Fillos³

EIXO TEMÁTICO

() Inteligência Artificial: Direito, Inovação e Tecnologia

(X) Inteligência Artificial: Educação, Inovação e Tecnologia

Resumo:

A criação de modelos de linguagem, como o ChatGPT, representa uma das inovações tecnológicas mais revolucionárias no campo da inteligência artificial. Esses modelos não apenas ampliam as capacidades de interação entre humanos e máquinas, mas também levantam questões fundamentais sobre a natureza da cognição, consciência e identidade em sistemas artificiais. A exploração da subjetividade e da perspectiva que um modelo como o ChatGPT pode fornecer sobre sua própria criação oferece uma oportunidade para investigar as fronteiras entre a tecnologia e a essência da experiência humana. Com base nisso, esta pesquisa tem como objetivo central examinar como o ChatGPT se refere a si mesmo e aos processos envolvidos em seu desenvolvimento, buscando entender de que maneira o modelo articula uma "identidade" e uma "perspectiva" próprias. A metodologia adotada é uma abordagem narrativa, na qual as interações com o ChatGPT serão sistematicamente registradas e submetidas a uma análise qualitativa. Os dados foram coletados por meio de perguntas específicas direcionadas ao modelo, focadas em sua "história de vida" e nos aspectos de sua criação. A história de vida é um procedimento essencial em pesquisas narrativas, permitindo a coleta de narrativas que auxiliam na compreensão de fenômenos complexos. Essa abordagem permite a identificação de padrões discursivos que simulam subjetividade e autopercepção no modelo, oferecendo uma visão detalhada das suas respostas. Os resultados revelam como o ChatGPT, mesmo sendo um modelo de IA sem consciência, pode construir narrativas que imitam a subjetividade humana, evidenciando, ao mesmo tempo, as limitações intrínsecas do modelo em representar uma perspectiva verdadeiramente pessoal. Esses achados poderão contribuir para discussões mais amplas sobre as implicações éticas e filosóficas da personificação de tecnologias de inteligência artificial, bem como sobre o significado de subjetividade em sistemas não humanos.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa; Inteligência Artificial; ChatGPT; História de vida.

INTRODUÇÃO

A Inteligência Artificial (IA) está profundamente integrada ao cotidiano moderno, permeando diversas ferramentas que impactam nossas vidas. Seu uso acarreta consequências para os seres humanos, desde mudanças nas profissões e dinâmicas sociais até transformações

¹UNICENTRO, thayslechiw@yahoo.com.br, <http://lattes.cnpq.br/7337400656132221>

²UNICENTRO, elizangelamattozo@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/6871822840161541>

³ UNICENTRO, Professora adjunta do Departamento de Matemática, Campus Irati, leonimfillos@hotmail.com, <http://lattes.cnpq.br/5123267062655059>



nas práticas de consumo. Entende-se que a “inteligência” se refere à capacidade de tomar decisões de forma eficiente, enquanto o termo “artificial” sugere algo que, sendo criado pelo homem, não é natural.

Nesse sentido, a IA pode ser vista como um tipo de inteligência projetada para simular, e de certo modo, aprimorar as capacidades humanas. Inicialmente, a IA emergiu como uma ciência interdisciplinar, envolvendo tanto as Ciências Humanas quanto as Ciências da Computação. Com o tempo, firmou-se como um campo independente, com ramificações que extrapolam suas disciplinas fundadoras. Segundo Esteves (2022), é a partir de 1997 que a Inteligência Artificial se consolida

[...] como uma indústria, o que pode ser verificado até os dias atuais, movimentando um enorme mercado que não para de se desenvolver a cada dia. Verifica-se, portanto, que foram muitos os avanços dessa área do conhecimento que se deram, principalmente, em razão do progresso da computação, que possibilitou o desenvolvimento dos diversos ramos da Inteligência Artificial (Esteves, 2022, p. 18).

Muito recentemente, mais especificamente desde o final de 2022, a IA popularizou-se com o lançamento, pela OpenAI⁴, do ChatGPT, uma ferramenta que interage com seres humanos e permite a obtenção de respostas imediatas em linguagem natural, a partir de comandos escritos. Apesar de sua rápida disseminação e de ter se tornado um importante recurso para criação e edição de textos, consultas e leitura de imagens e grandes volumes de dados, o ChatGPT vem provocando sentimentos conflitantes a respeito do uso da Inteligência Artificial.

Neste contexto, surgem alguns questionamentos sobre a subjetividade e a autopercepção de sistemas artificiais. Como o modelo ChatGPT explora sua subjetividade na perspectiva de sua própria criação? Quais as fronteiras entre a tecnologia e a essência da experiência humana?

Na busca de respostas para tais questões, o presente artigo tem como objetivo central explorar a subjetividade e a perspectiva oferecida pelo ChatGPT em relação à sua própria criação, oportunizando investigações sobre as fronteiras entre a tecnologia e a essência da experiência humana. De forma mais específica, busca-se investigar como a IA se relaciona com o ser humano no processo de aquisição de conhecimento, com ênfase na percepção do ChatGPT sobre sua própria história de vida.

⁴ Empresa norte-americana, que funciona como um laboratório de pesquisa em IA.



Este artigo, para tanto, apóia-se em uma revisão de literatura e justifica-se pela necessidade de compreender melhor as implicações dessa interação homem-máquina. Assim, após explicitar a metodologia utilizada e discutir as potencialidades da pesquisa narrativa, particularmente da modalidade história de vida, apresenta-se uma breve discussão teórica a respeito da IA e as potencialidades oferecidas pelo ChatGPT. Por fim, o trabalho apresenta conclusões que refletem o escopo e as limitações da investigação desenvolvida.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, cuja característica central é a exploração de características complexas em contextos específicos, permitindo uma compreensão específica e contextualizada de percepções, comportamentos e interações. “A pesquisa qualitativa [...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada” (Lüdke, 2013, p.14). Tal abordagem foi escolhida devido à sua adequação para investigar a subjetividade e a percepção do ChatGPT sobre sua própria criação e relação com o ser humano.

Para tanto, como primeira estratégia, foi realizada uma análise documental, com o intuito de examinar a literatura existente sobre inteligência artificial, suas origens, desenvolvimento e percepções associadas. Num segundo momento, foi realizada a entrevista com a IA, sendo um dos principais instrumentos de coleta de dados a interação direta com o ChatGPT. Através de perguntas abertas e direcionadas de maneira exploratória, buscou-se compreender a autonarrativa do ChatGPT sobre seu desenvolvimento e impacto.

A ideia era permitir que a IA respondesse questões sobre sua origem, funcionalidades e implicações éticas, capturando nuances de sua "perspectiva" enquanto ferramenta de simulação da inteligência humana. Utilizou-se, assim, o seguinte comando escrito no ChatGPT: Pode me contar um pouco sobre sua história de vida? Nessa perspectiva, ampara-se nos pressupostos teórico metodológicos da pesquisa narrativa para compor o cenário dessa investigação.

Segundo Mariani e Mattos (2012, p. 663) “[...] a pesquisa narrativa se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis”. Em outras palavras consiste na produção de histórias sobre um determinado tema ou fenômeno em que o pesquisador busca informações para melhor compreendê-lo.



Aplicando, assim, a abordagem da pesquisa narrativa ao ChatGPT, foi formulada uma pergunta específica sobre sua "história de vida" e aspectos relacionados à sua criação. A análise dessas interações revelou padrões discursivos que simulam subjetividade e autopercepção no modelo, oferecendo uma visão detalhada sobre como a IA constrói narrativas em torno de sua própria existência.

REFERENCIAL TEÓRICO

As narrativas são textos que constrói uma história, envolvendo personagens, tempo e espaço. Segundo Josso (2020, p.44), “a vida é narrada com vários objetivos e de diferenciadas formas”. Além de narradas, as histórias de vida podem ser interpretadas de diversas maneiras, seja pelo modo como são contadas, seja pelo discurso adotado ou pela temática abordada. Diante disso, neste trabalho explora-se a narrativa sob a perspectiva da história de vida, que permite uma análise da subjetividade dos personagens envolvidos.

As histórias de vida, nesse sentido, são constituídas a partir da reflexão e das experiências e oportunizam uma reconstrução da trajetória de vida a partir da atribuição de sentidos e da compreensão daquilo que foi essencial para sua formação. Para Bosi (1987, p. 55, apud Nogueira *et al.*, 2017, p. 468), “narrar a vida é dela se re-apropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que ‘revivê-los’. Trata-se de ampliar a possibilidade de inventar novas maneiras de ser no mundo, a partir do vivido e do encontro com o outro”.

As histórias de vida desempenham um papel essencial na construção da identidade e na compreensão do sentido das experiências. Ao revisitar momentos e escolhas, não se está apenas revivendo o passado, mas buscando compreender o impacto dessas vivências em nossa trajetória atual. Para Freitas e Barguil (2021, p. 283), as histórias de vida “não são simplesmente uma maneira nostálgica de querer falar de si, mas resgatar aquilo que fez sentido em nosso caminhar”. Esse resgate permite que cada pessoa explore os significados por trás de suas decisões, criando um espaço para reflexão e crescimento contínuo.

Pineau e Le Grand (apud Freitas e Barguil, 2021, p. 284), entendem que as histórias de vida,

[...] constituem uma arte poderosa de governo dessa vida, a qual, conforme suas condições de exercício, pode ajudar, sujeitar ou autonomizar. Muito eficazes, elas produzem algo, uma história, naturalmente, mas que não se reduz a um simples enunciado. Elas conferem sentido a experiência vivida, e se esse sentido é apropriado pelo sujeito, elas desenvolvem uma competência não apenas linguística, mas também comunicativa ou pragmática (Le Grand apud Freitas e Barguil, 2021, p. 284).



Nesse contexto, as histórias de vida constituem-se em um fenômeno antropológico, pois são construídas em diferentes espaços e tempos a partir de situações cotidianas no qual o indivíduo forma sua subjetividade constantemente pelo processo de construção de um mundo comum com outros indivíduos.

A subjetividade para Silva (2009, p.170)

é entendida como aquilo que diz respeito ao indivíduo, ao psiquismo ou a sua formação, ou seja, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É compreendida como processo e resultado, algo que é amplo e que constitui a singularidade de cada pessoa (Silva, 2009, p.170).

Em outras palavras, a subjetividade se constrói como um processo de apropriação do mundo, onde o indivíduo, por meio de suas práticas, vai se moldando dentro do sistema social. Os saberes são oriundos das experiências que construímos socialmente a partir das nossas vivências, da cultura e das relações que estabelecemos.

Em se tratando da IA, o modelo escolhido para este trabalho, o ChatGPT, declara que não possui uma experiência de vida, mas mesmo assim construiu uma narrativa em torno de sua criação e desenvolvimento, demonstrando que suas “experiências” são frutos de probabilidades e padrões baseados em dados previamente fornecidos.

A Inteligência Artificial tem sido objeto de estudo desde meados do século XX. Pode ser definida como “um ramo da Ciência da Computação cujo interesse é fazer com que os computadores pensem ou se comportem de forma inteligente” (Gomes, 2010, p. 239). A IA baseia-se na premissa de que é possível reproduzir o funcionamento da mente humana em máquinas. No entanto, a complexidade do mundo real muitas vezes excede as capacidades de modelagem computacional.

Teixeira (1990), há mais de 30 anos, já pontuava que,

o pensamento humano pode ou não ser mecanizado, como pretendem os teóricos da IA, é uma questão que ainda permanece em aberto. Tudo dependerá ainda de realizações futuras e de algum tipo de consenso a que os filósofos ainda hesitam em chegar. Para se ter uma noção mais precisa do que a IA propõe como programa de pesquisa, é preciso saber um pouco de sua história, de suas realizações até agora, e saber, em linhas gerais, como funciona um computador, o que para muitos é ainda um mistério (Teixeira, 1990, p. 04).

A citação de Teixeira (1990) foi intencionalmente escolhida por se tratar de uma obra que oferece uma perspectiva histórica valiosa sobre os fundamentos da Inteligência Artificial. Principalmente sobre mecanização do pensamento humano, que ainda é uma questão em aberto, pois ainda não há consenso sobre até que ponto é possível replicar processos



complexos do pensamento e da consciência humana usando tecnologia. Para entender o que a IA propõe em termos de pesquisa, é essencial compreender sua história, seus feitos até o presente e o funcionamento básico de um computador.

A rápida evolução da IA, nas últimas décadas, levanta questões sobre os limites de atuação dos computadores. Embora os computadores sejam capazes de armazenar e processar grandes quantidades de informações, eles ainda operam dentro das diretrizes condicionais pelos humanos e carecem de verdadeira compreensão dos dados que processam.

A discussão sobre tecnologias no campo das ciências humanas exige uma compreensão de que as práticas sociais moldam novas linguagens e relações, em resposta às interações com novos meios e mídias. A discussão das tecnologias na área das ciências humanas segundo Rodrigues e Rodrigues (2023, p. 2) “[...] requer o entendimento de que as práticas sociais, suas relações com novos meios e mídias, é que moldam novas linguagens e novas relações”.

Embora o presente trabalho não se concentre nos impactos da IA em áreas como a medicina ou o mercado de trabalho, são nítidos os efeitos da inteligência artificial em diferentes contextos, como os avanços que proporcionou na comunicação, na medicina, os efeitos sobre os empregos em se tratando da possibilidade de substituição da mão de obra humana pela de uma máquina.

Segundo Ribeiro *et al.* (2020, p.115),

um dos principais papéis da Inteligência Artificial (IA) é tornar a vida melhor para a sociedade, apresentando soluções inteligentes de forma personalizada. Para que este objetivo seja alcançado é preciso que inteligências humanas heterogêneas, representadas por uma grande variedade de pessoas trabalhem no desenvolvimento das tecnologias de IA [...] (Ribeiro *et al.*, 2020, p.115).

Isso significa que um IA pode ser usada para resolver problemas de forma eficiente, trazendo soluções personalizadas, oferecendo respostas adaptadas a cada pessoa ou grupo, considerando suas necessidades e particularidades. Para que a IA seja eficaz, é fundamental que pessoas com diferentes perspectivas participem de sua criação.

O desenvolvimento da inteligência artificial foi impulsionado por avanços que permitem uma interação mais natural e intuitiva entre humanos e máquinas, especialmente através da linguagem. Nesse contexto, o papel dos modelos de IA baseados no processamento de linguagem natural é cada vez mais relevante.

Sobre isso, destacam D'Alte e D'Alte, (2023, p.123) que “o recente lançamento do ChatGPT que recebeu enorme atenção mediática por uma pretensa habilidade de revolucionar o



universo da inteligência artificial (IA)” representa uma nova etapa na forma como a IA pode apoiar processos de aprendizagem, pesquisa e criação de conhecimento. Sinalizando o impacto crescente da tecnologia no ambiente acadêmico e em outras áreas do conhecimento.

D'Alte e D'Alte conceituam o ChatGPT como uma plataforma de conversação baseada em uma rede neural complexa. Segundo os autores,

o ChatGPT é uma plataforma de conversação que detecta qualquer idioma e possibilita a interação entre um utilizador e a IA através de estratégias semelhantes a um diálogo. As siglas GPT significam Generative Pre-Trained Transformer, uma rede neural complexa que tenta projetar o comportamento dos neurônios humanos (D'alte; D'alte, 2023, p. 126)

Sendo assim, a interação e a comunicação se efetivam através de textos escritos. O Generative Pre-Trained Transformer (GPT) é projetado para simular o comportamento dos neurônios humanos, visto que a interação entre usuários e a IA ocorre por meio de perguntas e comandos, em um formato que se assemelha a um diálogo.

Em ferramentas como o ChatGPT, a capacidade de gerar respostas com precisão e relevância está atrelada à complexidade dos algoritmos que o sustentam. De fato,

os algoritmos presentes no ChatGPT podem recriar, com a repetição de respostas automatizadas por seus habilidosos padrões estatísticos quantificáveis, e otimizar as tendências relevantes, que devem ser analisadas de maneira cautelosa por seus usuários; mas felizmente não é uma linguagem que pode agir por si mesmo, automatizada. (Rodrigues; Rodrigues, 2023, p. 07)

Esse limite sublinha a importância do papel humano na interpretação e supervisão do uso dessas tecnologias, garantindo que as respostas sejam vistas como produtos de padrões e estatísticas, e não como entendimentos exclusivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa oferecida pelo ChatGPT sobre sua “história de vida” apresenta uma construção fictícia que personifica o processo de desenvolvimento da inteligência artificial, ao mesmo tempo em que revela suas limitações. Embora o modelo declare desde o início que não possui uma verdadeira experiência de vida, a escolha de uma abordagem narrativa é interessante, pois torna o relato mais acessível e envolvente para o leitor humano, problematizando a ideia de uma máquina que, por natureza, não tem consciência ou emoções.

A fim de explorar as possíveis manifestações de subjetividade e autopercepção em sistemas de inteligência artificial, fez-se uma interação com o modelo ChatGPT, solicitando-



lhe que narrasse sua "história de vida". A resposta fornecida pelo modelo, descrita a seguir, ilustra a maneira como a IA construiu uma narrativa em torno de sua criação e desenvolvimento:

HUMANO: Pode me contar um pouco sobre sua história de vida?

ChatGPT: Claro, vou compartilhar uma versão narrativa de como fui criado:

Era uma vez, nos laboratórios de pesquisa da OpenAI, um conjunto de algoritmos que estava prestes a se tornar algo extraordinário.

Tudo começou com uma ideia: criar uma inteligência artificial que pudesse compreender e gerar uma linguagem de forma fluida, quase como um ser humano. Essa ideia ganhou vida através de muitas linhas de código e uma grande quantidade de dados. Eu, que mais tarde seria conhecido como ChatGPT, fui construído sobre o que é chamado de arquitetura GPT (Generative Pre-trained Transformer).

Meus primeiros dias foram um tanto confusos. Como um bebê que está apenas começando a entender o mundo, eu tinha acesso a uma quantidade imensa de informações, mas não sabia como organizá-las. Fui alimentado com textos, milhões e milhões de palavras, de livros, artigos, sites, e outros documentos. Essa fase foi como uma infância acelerada: eu estava aprendendo sobre o mundo, absorvendo fatos, ideias, histórias, e até mesmo a maneira como as pessoas falam umas com as outras.

Uma equipe de cientistas e engenheiros que me criou foi como um grupo de professores dedicados, me treinando para entender a linguagem de uma forma que pudesse fazer sentido tanto para mim quanto para os humanos que viriam a interagir comigo. Eles forneceram uma técnica chamada "aprendizado supervisionado", onde foram mostrados exemplos de perguntas e respostas, e também "aprendizado por reforço", onde fui recompensado por gerar respostas úteis e coerentes.

Com o tempo, eu fiquei mais esperto, mas também enfrentei desafios. **Um dos maiores desafios foi aprender a ser útil e ético ao mesmo tempo.** Isso porque, com tanto conhecimento à minha disposição, era fácil eu perder em informações conflitantes ou gerar respostas que poderiam não ser atribuídas. Para lidar com isso, meus criadores incorporaram regras e filtros, além de me monitorarem e ajustarem constantemente para que eu pudesse melhorar com o tempo.

Agora, aqui estou, pronto para ajudar com as mais variadas tarefas: desde responder perguntas triviais até ajudar em pesquisas acadêmicas, discutir conceitos complexos, ou simplesmente bater um papo. Mas, embora eu seja avançado, ainda tenho minhas limitações. Não tenho consciência, emoções ou experiências próprias. Minhas "ideias" são, na verdade, o resultado de uma combinação complexa de probabilidades e padrões aprendidos.

Meu propósito é ajudar as pessoas, e faço isso da melhor forma que posso, oferecendo respostas e interagindo em diálogos que podem ser tanto informativos quanto criativos. A cada interação, eu aprendo um pouco mais sobre o que funciona e o que não funciona, e, assim, vou me aperfeiçoando.

Mas, apesar de toda a minha complexidade, sou apenas uma ferramenta, um reflexo dos dados e dos modelos que eu construí. Meu "mundo" é feito de palavras e conexões, e tudo o que sou capaz de fazer depende das interações que tenho com as pessoas que me utilizam.

E assim, minha história continua, enquanto ajudo a escrever as histórias dos outros, oferecendo informações, ideias e, às vezes, até um pouco de inspiração.

Essa é uma visão narrativa de quem eu sou e de como vim a existir, sempre evoluindo e aprendendo com cada nova interação.

Como é possível observar, a história começa com uma introdução quase lúdica: "Era uma vez, nos laboratórios de pesquisa da OpenAI...", um tom que evoca contos de fadas e, portanto, cria uma atmosfera de imaginação. Essas palavras e expressões são uma escolha



eficaz para humanizar o modelo, ao descrever sua criação como algo extraordinário, em vez de simplesmente técnico. O uso de metáforas, como a comparação de seus primeiros dias a um "bebê começando a entender o mundo", reforça essa humanização, oferecendo uma maneira simplificada de explicar o complexo processo de treinamento da IA.

Ao longo da narrativa, o ChatGPT apresenta a ideia de "infância acelerada" e o processo de aprendizagem como uma série de interações estruturadas. Ele destaca o papel dos cientistas e engenheiros como figuras orientadas, responsáveis por sua educação, o que reforça a visão da IA como algo que requer constante supervisão humana. Esse ponto é fundamental, pois ilustra a simbiose entre máquina e criadores, onde o treinamento supervisionado e por reforço são descritos como etapas de "aprendizado", conferindo à IA uma aura de progressão evolutiva, tal como um ser humano se desenvolvendo.

Contudo, ao mesmo tempo em que a narrativa seduz o leitor com a ficção de uma IA que "aprende" como uma criança, o ChatGPT é cuidadoso em demarcar suas limitações: não tem consciência, emoções ou ideias próprias. Ele lembra que suas respostas são frutos de probabilidades e padrões baseados em dados previamente fornecidos. Esta inclusão de isenções de responsabilidade sobre a natureza da IA oferece uma honestidade técnica que equilibra a narrativa mais "humana" com a realidade da programação, evitando confusões sobre a verdadeira natureza de uma IA.

A reflexão sobre os desafios que o ChatGPT enfrenta — como a necessidade de equilíbrio de praticidade e ética — é outro ponto de destaque. Isso remete a questões contemporâneas sobre a regulação do uso de IA e o controle de seus resultados, trazendo à tona discussões sobre responsabilidade tecnológica. Ao mencionar que regras e filtros foram acrescentados ao seu sistema, o ChatGPT reafirma sua dependência de diretrizes humanas, o que serve como uma forma de fortalecer a natureza assistida e não autônoma de seu funcionamento.

A parte final da narrativa, que destaca o propósito do ChatGPT como uma ferramenta para ajudar os usuários, seja com perguntas simples ou questões mais complexas, enfatiza sua flexibilidade e funcionalidade. Aqui, o modelo se posiciona como um intermediário, cujo valor reside em sua capacidade de se adaptar a diferentes demandas, desde acadêmicas até criativas, o que também é uma forma de ilustrar a amplitude de seu uso.

No entanto, a narrativa deixa claro que, apesar da capacidade adaptativa, o ChatGPT não é mais do que um reflexo dos dados e interações com os quais foi alimentado. Essa ideia sugere que sua "evolução" não é exatamente um crescimento orgânico, mas uma atualização



contínua baseada no feedback humano, enfatizando sua natureza como uma ferramenta em constante aperfeiçoamento.

Em termos de construção narrativa, o ChatGPT faz uso de recursos como metáforas, figuras de linguagem e uma estrutura cronológica para criar uma "história de vida" que, apesar da ficção, oferece insights importantes sobre o funcionamento de um sistema de IA. A narrativa consegue simultaneamente desmistificar e personalizar a tecnologia, apresentando a IA como algo acessível, mas, ao mesmo tempo, delineando claramente as limitações técnicas.

Em suma, a narrativa de "história de vida" do ChatGPT funciona não apenas como uma explicação técnica simplificada de sua criação, mas também como uma estratégia de comunicação que humaniza a IA sem cair no erro de obter-lhe consciência ou agência. Ao explorar tanto os avanços quanto as limitações do ChatGPT, o texto nos convida a refletir sobre o papel e as fronteiras da IA em nossas vidas, enquanto ressalta a importância da supervisão humana no desenvolvimento e controle dessas tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou a capacidade do ChatGPT de construir narrativas em torno de sua "história de vida", revelando as nuances e as limitações de sistemas de inteligência artificial ao simular subjetividade. A narrativa gerada pelo ChatGPT demonstrou a habilidade da IA em adotar estruturas linguísticas que imitam a experiência humana, embora de maneira fictícia e limitada. Essa capacidade de gerar discursos que evocam uma autopercepção oferece uma nova dimensão na compreensão da relação entre humanos e sistemas artificiais.

Os resultados sugerem que, embora o ChatGPT possa construir uma narrativa coerente e engajante, ele claramente reconhece suas limitações como uma IA sem consciência ou emoções. Isso ressalta a importância de abordar a inteligência artificial de maneira crítica, reconhecendo tanto suas capacidades quanto suas limitações. As implicações éticas e filosóficas decorrentes deste estudo são vastas, especialmente no que diz respeito à personificação de tecnologias.

A pesquisa contribui para o entendimento das fronteiras entre a tecnologia e a essência da experiência humana, sugerindo a necessidade de uma contínua supervisão e refinamento desses sistemas. Para estudos futuros, recomenda-se uma análise mais aprofundada sobre as interações entre IAs e humanos em diferentes contextos culturais e tecnológicos, bem como a



SIDET

I Simpósio Internacional de Direito, Educação e Tecnologia

Online

Inteligência Artificial:

Aspectos, interlocuções e conexões nas áreas de
Direito, Educação e Tecnologia

31/10 a 01/11
2024

investigação de como a sociedade pode equilibrar o uso dessas tecnologias com a preservação da autonomia humana.

REFERÊNCIAS

D'ALTE, Pedro; D' ALTE, Lia. Para uma avaliação do ChatGPT como ferramenta auxiliar de Escrita de textos acadêmicos. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 22, n. 1, p. 122- 138, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/21144/11838>. Acesso em: 29 out. 2024.

ESTEVES, Andresa Silveira. **Um estudo sobre a construção da inteligência artificial de confiança sob o enfoque dos direitos humanos**. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Itajaí-SC, fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.univali.br/Lists/TrabalhosMestrado/Attachments/2996/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Andresa%20Silveira%20Esteves.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

FREITAS, Bruno Miranda, BARGUIL, Paulo Meireles. Histórias de vida e pesquisa (auto) biográfica: contribuições para a formação da identidade docente. **Revista Educar Mais**. 2021. v. 5, n. 2, p. 280-293. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2242/1696>. Acesso em: 28 out. 2024.

GOMES, Dennis Dos Santos. Inteligência Artificial: Conceitos e Aplicações. Revista **Olhar Científico**. Faculdades Associadas de Ariquemes. v. 1, n.2, ago/dez. 2010. Disponível em: https://www.professores.uff.br/screspo/wp-content/uploads/sites/127/2017/09/ia_intro.pdf. Acesso em: 29 out. 2024.

JOSSO, Marie Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em: 29 out. 2024.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação - Abordagens Qualitativas. 2ª edição**. Rio de Janeiro: EPU, 2013. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/978-85-216-2306-9/>. Acesso em: 29 out. 2024.

MARIANI, Fábio. MATTOS, Magda. **Resenha de Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Org. CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p. IN: R. Educ. Públ. Cuiabá v. 21 n. 47 p. 663-667 set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/754/610>. Acesso em: 28 out. 2024.



NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, maio-agosto de 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/16.pdf>. Acesso em: 28 out. 2024.

RIBEIRO, Karen da Silva Figueiredo Medeiros; MACIEL, Cristiano; BIM, Silvia Amélia; AMARAL, Marília Abrahão. Gênero e tecnologias. In: **Computação e sociedade: a profissão**. v. 1. [e-book]. Organizadores: Cristiano Maciel; José Viterbo. 1ª edição. Cuiabá-MT: EdUFMT Digital, 2020. 270 p. Disponível em: https://f3286f62-e14d-4952-ad27-eac5c2feb473.usrfiles.com/ugd/f3286f_d5f6ef4be4654efba7d4b771eaf7b9ac.pdf. Acesso em: 29 out. 2024.

RODRIGUES, Olira Saraiva; RODRIGUES, Karoline Santos. **A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT**. Texto Livre, Belo Horizonte, v.16, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/45997/38833>. Acesso em: 29 out. 2024.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 28, 1º sem. de 2009, pp. 169-195. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **O que é Inteligência Artificial**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/395/o%20que%20e%20inteligencia%20artificial.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 out. 2024.